

PRODUÇÃO DE CORPOS E CATEGORIAS DE PESSOAS NOS FLUXOS DE UMA PENITENCIÁRIA FEMININA

Sara Vieira Antunes

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestrado
em Antropologia na área de Antropologia Urbana, pela
orientação de Ronaldo Almeida. Bolsista CAPES.
saraantunes13@gmail.com

RESUMO

Este artigo oferece uma reflexão sobre as formas pelas quais pessoas presas em uma penitenciária feminina produzem corpos e definem categorias de pessoas a partir de diferentes entendimentos sobre sexo, gênero e desejo. Através do trabalho de campo realizado entre celas do castigo de uma penitenciária feminina foi possível entrar em contato com uma série de enunciados, performances e produção de corpos que evidenciavam não práticas coerentes e identidades fixas, mas a fluidez e dinamismo

com que eram vivenciadas e significadas. Dessa forma, amparada em discussões teóricas sobre gênero e sexualidade, bem como nas teorias desenvolvidas e enunciadas pelas/os interlocutoras/es de pesquisa, verificou-se como práticas e vivências de sexo/gênero são cotidianamente negociadas, torcidas, variáveis de acordo com intenções e mutáveis através do tempo.

Palavras chave: Prisão, Gênero, Sexo, Corpos, Categorias de pessoas

Era uma tarde de fevereiro ensolarada em São Paulo. Meu primeiro dia de visita em uma penitenciária feminina demandava uma vestimenta “adequada” e específica – nenhuma roupa que mostre muito ombros, pernas ou que seja muito justa e nada que se assemelhe ao uniforme das “reeducandas”: camiseta branca, calça ou bermuda amarelo, bege, cáqui ou mostarda. O que não demorei muito a entender é que havia outros cuidados que deveria ter quanto a minha vestimenta, que diziam respeito a uma especificidade das prisões *dominadas* pelo Primeiro Comando da Capital (PCC) e poderiam influenciar sobremaneira o meu primeiro contato com as/os presas/os. Um dos motes fundantes desse coletivo de presos, constituído nas prisões paulistas na década de 1990¹, era a guerra contra a administração prisional e, principalmente, contra a polícia. Policiais e funcionários da administração prisional são inimigos, *coisa*.² Nesse cenário, mulheres circulando na prisão com calça jeans azul, tênis e camiseta polo justa eram assimiladas como *senhora* - expressão usada pela/os presa/os para se reportar as agentes carcerárias que, de modo geral, mantém relações de tensão e hostilidade mútua com as/os detentas/os na prisão estudada. Foi depois de uma agitação, seguida de “tem senhora no pavilhão!!!”³ com a minha entrada no pavilhão I ímpar, que entrei em contato com um dos entraves e estranhamentos específicos daquele microcosmo. Deixei de usar calça jeans azul e tênis. O que eu vestia dizia sobre quem eu era. Depois desse episódio, com bastante recorrência me disseram: “Aqui você é o que você tem, o pano que você usa, o boot⁴ que tem no pé”.

Durante um ano de trabalho de campo realizado na Penitenciária Feminina de Santana (PFS), por meio de um projeto de leitura com presas do pavilhão do R.O,

1 Sobre a história e fundação do Primeiro Comando da Capital, ver Biondi (2009) e Marques (2009).

2 *Coisa* ou *verme* são geralmente tratados como sinônimos e referem-se ao “inimigo” do PCC. De modo geral são pessoas de outras “facções”, funcionários da segurança pública, delatores ou pessoas que cometeram crimes rechaçados pela população carcerária, como estupro, infanticídio, matri ou parricídio. No entanto, importante sublinhar que essas categorias são contingentes e negociadas

3 Nas prisões *dominadas* pelo PCC, agentes carcerários não podem circular dentro dos pavilhões, entrando apenas nos momentos de contagem e tranca (abertura e fechamento das celas).

4 “Boot” é uma expressão utilizada por minhas(meus) interlocutoras(es) para se referir a tênis.

*castigo e trânsito*⁵, pude entrar em contato com uma diversidade de códigos que dizem respeito a regulação de comportamentos, corpos, relações e conflitos. A recorrência da frase “aqui você é o que você tem, o que você veste” parecia repercutir não apenas nas relações de troca, favores, afeto, desejo, como na configuração e distribuição das pessoas pelos ambientes. Os andares da prisão ganhavam valor sócio-econômico: Quanto maior o andar, mais próximo “da cobertura”, isto é, maior o poder aquisitivo das/os presas/os que ali habitam. O último andar, “a cobertura”, é o das “mina do crime”, as *irmãs do Partido*⁶, onde estão as maiores celas, as melhores condições de habitação. Ali é lugar interdito para uma pesquisadora, para uma agente da Pastoral⁷. Mas era no *castigo*, ambiente em que meu trabalho acontecia, que eu as encontrava.

Foi nesse lugar esquecido e inóspito, “o *pote*”, como chamam, onde realizei meu trabalho pela Pastoral e como pesquisadora. Meu trabalho consiste em entregar livros de doação para as/os presas/os do *castigo*, pegar o contato de amigos e/ou familiares para avisá-los do ocorrido, uma vez que a administração não se responsabiliza em comunicar os familiares da reclusão – que as impossibilita de receber visitas, cartas e *jumbo*⁸ –, e entregar envelopes, papéis, selos e caneta para escreverem cartas. Basicamente, o projeto busca estimular a leitura, amenizar a ociosidade nesse período de *castigo*, bem como promover a comunicação entre dentro e fora da prisão.

Foi especialmente no *pote*, conversando por entre a boqueta⁹ das celas, que conheci as mulheres e os homens presos naquela instituição. Foi lá que ouvi relatos sobre os fluxos da prisão, sobre a divisão dos andares, a constante redistribuição das pessoas pelos pavilhões e entre penitenciárias; foi também onde compartilhei relatos de amores, flertes, saudades, brigas, disputas, tristezas, suicídio.

Em um dos relatos sobre amores e flertes na prisão tive meu primeiro contato com a percepção de que na prisão feminina havia homens. Zóio, presa no R.O, ao me contar sobre um flerte que estava tendo na prisão, dizia: “É com aquele ladrão do pavilhão III, o Dedé”. A partir dessa fala pude perceber que o flerte de Zóio

5 O castigo é formado por um conjunto de celas onde ficam, em cada uma, uma média de 2 a 7 presas isoladas de 10 a 30 dias, sem banho de sol, devido a alguma falta disciplinar. O R.O (Regime de Observação) é o nome dado a todo o pavilhão (chamado “pavilhão do R.O”), mas que diz respeito ao primeiro andar, onde ficam presas (teoricamente) em tratamento psiquiátrico ou em recuperação de alguma doença, uma vez que a enfermaria fica logo em frente ao pavilhão. Nos segundos andares ficam, ao lado esquerdo, celas do castigo, e ao lado direito, celas do trânsito, onde ficam presas que estão temporariamente naquela penitenciária.

6 Irmãs e irmãos são pessoas batizadas pelo PCC. São o próprio PCC. Partido, Comando e Quinze são sinônimos para PCC.

7 O projeto pelo qual me inseri na PFS, realizado conjuntamente com Vera, voluntária na Pastoral, é organizado pela Pastoral Carcerária em parceria com a Koinonia, ambas instituições não governamentais sem fins lucrativos que realizam trabalho voluntário em instituições prisionais no Brasil. Nesse sentido, sou interpelada ora como agente da pastoral, ora como pesquisadora.

8 Jumbo refere-se às sacolas com alimentos, produtos de higiene, limpeza, roupas, cigarros (entre outras coisas) levados pelas visitas às pessoas em cumprimento de pena.

9 Boqueta diz respeito a qualquer abertura em paredes divisórias para passagem de objetos ou atendimento.

não era apenas com uma mulher que se vestia e cortava os cabelos de acordo com atributos socialmente vinculados ao masculino. Essas eram pessoas identificadas e nomeadas no masculino, autorreferenciadas no masculino. Eram os *sapatões*, os homens da prisão. No entanto, o convívio com os *sapatões*, seja no R.O ou *castigo*, foi fundamental para perceber uma série de deslocamentos, (re)articulações e negociações estratégicas na produção dos corpos e do gênero. Além de *sapatão*, categorias como *mulheríssima*, *entendida*, e lésbica eram mobilizadas em processos de diferenciação que conferiam inteligibilidade às práticas, afetos e performances de sexo/gênero na prisão. Bagunçando as categorias binárias homem e mulher, masculinidade e feminilidade, respectivamente, as categorias articuladas pelas/os minhas/meus interlocutoras/es criavam possibilidades de trânsito e fluidez nas matizes do sexo/gênero.

Assim como mostrou Facchini (2008) em seu estudo sobre práticas homoeróticas entre mulheres na cidade de São Paulo, a produção de categorias de classificação como “sapatão”, “entendida”, “dyke”, “lésbica” remete a processos de materialização e de produção de subjetividades, no intuito de tornar suas práticas, desejos e corporalidades inteligíveis, bem como de produzir possibilidades de sua vivência. A autora reflete como tais categorias, apesar de se pautarem em convenções que citam a heterossexualidade, também a deslocam, lançando luz a falsa impressão de coerência e estabilidade dessas identidades.

Em meu trabalho de campo na PFS, tive contato com uma série de situações e relatos que foram feitos sobre a diversidade de categorias designadas para dar forma e sentido as relações e corpos que ali circulavam. Como já dito, o *sapatão* é descrito como o “homem” da prisão, uma vez que corporifica atributos socialmente vinculados ao masculino, como vestimentas (em geral usam cuecas, bermudas ou calças largas, camisetas soltas, tops ou faixas que reduzem o tamanho dos seios), corte de cabelo (cabelos bem curtos ou raspados, muitas vezes com designs feitos com gilete, com as quais também fazem pequenas falhas nas sobrancelhas), trejeitos e gestualidades associadas a uma performance masculina, e uma série de expectativas quanto a sua atuação no flerte – de que seja “ativo”, corteje, dê presentes e tenha uma certa “voracidade sexual”. De forma geral, também têm o corpo bastante tatuado, um marcador da vivência na *cadeia* – prática bastante comum em instituições penais, com o uso de máquinas profissionais ou objetos improvisados para tatuar.

As falas nos relatos das/os minhas/meus interlocutoras/es apontavam para algo próximo de uma gradação dessas categorias, partindo do gênero mais masculino para o mais feminino: *sapatão*, *entendidas*, lésbicas e, por fim, *mulherís-*

simas. Em relação aos termos *entendida* e lésbica, os relatos variam e muitas vezes se contradizem, mas, de forma geral, *entendidas* são descritas como mulheres que usam vestimentas percebidas como masculinas (cueca, bermuda, etc), mantêm seus cabelos compridos, são referenciadas no feminino e se auto identificam no feminino, mantendo seu nome civil. No entanto, de forma geral, assumem posturas e gestualidades tidas como masculinas e, assim como os *sapatões*, suas performances e práticas nas relações erótico-afetivas são socialmente vinculadas ao masculino. As lésbicas, por outro lado, são descritas como mulheres que gostam de mulheres, não havendo muitas descrições quanto a vestimenta, gestualidade e postura nas relações erótico-afetivas. No entanto, pude observar entre as mulheres que se identificavam como lésbicas atributos estéticos e gestualidades identificáveis como femininas, porém uma feminilidade “comum”, isto é, não eram marcadas por uma “hiperfeminilidade” (LACOMBE, 2007)¹⁰, como é o caso das *mulheríssimas*.

As *mulheríssimas*, portanto, são identificadas como mulheres que apresentam atributos marcadamente femininos, algo como uma “hiperfeminilidade”, tanto nas vestimentas (shorts curtos, calças justas, blusas que aparecem a barriga), na estética (cabelos compridos, soltos, maquiagem, adornos como brincos, colares, pulseiras, presilhas de cabelo), como nas relações erótico-afetivas (sensualidade e “passividade”).

A produção dessas categorias, tanto pelos interlocutores quanto pelo antropólogo, no momento em que são sistematizadas e descritas, correm o risco de passar a falsa impressão de substância, de que são identidades estáveis e completas. Como alerta Facchini (2008), é ilusório acreditar na coerência e fixidez dessas categorias, uma vez que sujeitos são seres em constante devir, são sujeitos fragmentados, em processo. Mais do que isso, é preciso levar em conta a série de articulações e negociações estratégicas que são feitas cotidianamente das nossas “identidades”, que se transmutam e são afetadas de acordo com as relações estabelecidas, os lugares, experiências e vivências pelas quais passam, cujos efeitos atravessam e modificam os sujeitos.

Cris é um *sapatão* com o qual já me deparei ao menos quatro vezes no *castigo*. Jovem, brincalhão, bem-humorado, me contava de suas peripécias amorosas, cada vez que o encontrava no *castigo* estava casado com uma nova mulher. Cris me relatou

10 A ideia de “hiperfeminilidade” e “hipermasculinidade” nas práticas erótico-afetivas entre mulheres advém da expressão *butch-femme*, utilizada na literatura internacional para se referir a uma “subcultura” norte-americana associada a bares frequentados por lésbicas de classes trabalhadoras entre as décadas de 1940 e 1960. As *Butch* seriam “mulheres que se sentem mais confortáveis com estilos, códigos e identidades genericamente masculinas do que com àqueles femininos” (HALBERSTAM, 1998:120), e as *femme* configurariam o exato oposto, formando um par “heterossexual” entre “hiperfemininas” e “hipermasculinas”.

que desde pequeno é menino. Sempre se comportou como tal, só brincava com os garotos da rua e desde muito cedo percebeu que se sentia atraído por meninas. “Eu sempre fui assim, meu pai até falava que eu era o filho homem que ele nunca teve”. Quando perguntei se já havia alguma vez se relacionado com um homem, respondeu com repúdio – “de jeito nenhum, eu hein, gosto é de mulher!”. Fernanda, negra dos cabelos longos e trançados, de bermudas largas e top, que dividia a cela com Cris, ao ouvir a conversa entreviu, dizendo que aprendeu a gostar de mulher na *cadeia*, mas que agora “pegou gosto na coisa”. Disse que é *entendida*, em suas palavras, não é *sapatão*, mas é “ativa” na relação, “cumpre o papel do homem”. De forma geral, não apenas no discurso de Cris e Fernanda, minhas/meus interlocutoras/es dão sentido a sua prática sexual em termos polares, no que dizem ser “papel do homem no sexo” e “papel da mulher no sexo”. No contexto da conversa, Fernanda explicava que *sapatão* e *entendida* são “ativos” e, as *mulheríssimas*, passivas. Para Cris, “sapatão que é sapatão não se deixa ser tocado”. Explicou-me da seguinte forma: “Homem que é homem de verdade aceita fazer fio-terra? Isso é coisa de gay! Então, eu lá vou deixar colocarem o dedo ou qualquer coisa em mim? Não! Sapatão que é sapatão mesmo é homem, não ‘dá’ de jeito nenhum, não fica pelado, não deixa que toquem”. Em seguida Fernanda complementou: “Quando a gente transa, vai assim mesmo, de samba canção e top, porque imagina se você vai com os peitos pra fora, a mina já vai querer pegar, apalpar. E eu hein, sai fora, se quiser alguém apalpando meu peito vou transar com homem”.

As falas de Cris e Fernanda apontam para um deslizamento entre sexo/gênero e prática sexual. Enquanto o *sapatão*, neste contexto, cita uma “matriz heterossexual compulsória” (BUTLER, 2015), uma vez que o sexo/gênero em questão aponta para um desejo sexual orientado ao sexo/gênero oposto, as *entendidas* torcem e complicam essa matriz aparentemente coerente. Entendem e se auto identificam enquanto mulheres. Contudo, apresentam uma performance sexual assimilada como masculina e seu desejo não é unilateralmente orientado. De forma geral, as *entendidas* – diferentemente das lésbicas – dizem que gostam de se relacionar erótico-afetivamente com homens e mulheres, no entanto, a partir de performances sexuais bastante distintas, assumindo uma postura enunciada como “ativa” com mulheres e “passiva” com homens.

Em outro episódio em que conversava com dois *sapatões*, Jacaré e Duda, estes me explicavam que em geral as lésbicas são *flex*, isto é, são tanto “passivas” quanto “ativas” no ato sexual, não havendo um marcador muito rígido de masculinidade ou feminilidade, no sentido de sua performance estética e corporal. Diziam – em tom acusatório – que, no entanto, havia muitos *sapatões* e *entendidas* que “botavam banca”,

mas que, “na hora H, viravam mulherzinha”, ou seja, assumiam uma postura que postulavam ser “passiva”.

Os discursos de Fernanda, Cris, Jacaré e Duda demonstram a tentativa de dar sentido e inteligibilidade as práticas e vivências da sua sexualidade (e da dos outros), a partir de certas configurações culturais e normativas do gênero. A corporalidade e performance sexual são então materializadas através da repetição ritualizada das normas de gênero, tornando-as “viáveis” no interior do domínio da inteligibilidade (BUTLER, 1999:153). Contudo, apesar do esforço discursivo em balizar suas vivências sob quadros normativos de gênero, a convivência e escuta dos diversos relatos de homens e mulheres nesta penitenciária mostraram-me a complexidade, fluidez e dinamismo das vivências e práticas de sexo/gênero. As categorias mobilizadas, apesar de demonstrarem certa coerência e fixidez, aparecem como constantemente negociadas, torcidas, variáveis de acordo com intenções e mutáveis através do tempo.

Ao discutir sobre as relações e vivências ligadas às “vidas transgênero” (*cross-gendered life*), Butler (2004) sublinha a complexidade e impermanência dessas categorias: algumas envolvem vestir-se de outro gênero, ocasional ou diariamente; outras envolvem viver plenamente em outro gênero, mas sem a demanda de mudança de sexo; outras envolvem hormônios, cirurgias, intervenções, e a maioria envolve uma ou mais das anteriores. Além disso, a orientação do desejo dessas pessoas independe da maneira pela qual elas corporificam e vivenciam atributos socialmente vinculados ao masculino ou feminino – a correspondência entre sexo, gênero e desejo não passa de uma ilusão. De acordo com Butler, a narrativa de pessoas “transgênero”

não são capturáveis por uma categoria, ou podem apenas ser capturáveis por uma categoria em um período de tempo. Histórias de vida são histórias do se tornar (becoming). Mudanças na persuasão sexual podem se dar em resposta a parceiros particulares, de forma que as vidas, trans ou não, nem sempre emergem como coerentemente heterossexuais ou homossexuais, e o próprio significado e experiência vivida da bissexualidade pode também mudar através do tempo, formando uma história particular que reflete certos tipos de experiência em vez de outras (Ibdem: 80 – tradução livre).

A experiência da sexualidade vivida por Fernanda adquiriu novos sentidos e contornos após sua entrada na Penitenciária. Em um cenário de categorias sexuais flutuantes, Fernanda deu sentido as seus desejos e práticas enquanto mulher, enquanto *entendida*, enquanto bissexual. Continua casada com seu marido, que faz visitas esporádicas e diz que quando voltar para a *rua*, pretende voltar a morar com seu marido e continuar a se prostituir.

Cris alega que sua vivência enquanto *sapatão* é muito anterior à prisão,

“sempre foi menino”, “sempre gostou de mulher”. No entanto, acusa muitos outros *sapatões* de não “serem sapatão de verdade, de só serem homem na cadeia. É colocar as pernas para fora que já deixam o cabelo crescer, colocam uma sainha e vão para o forró ‘dar’ para homem”. O tom acusatório dessas falas – assim como as de Jacaré e Duda – demonstram existir uma série de incongruências e contradições na prática e vivência das categorias de sexo/gênero por eles enunciadas. No entanto, essas contradições estão sempre “no outro”, afirmando-se a si próprios enquanto protótipos claros e coerentes das categorias que preconizam.

As matizes de possibilidades da vivência de sexo/gênero na prisão estudada abrangem uma grande diversidade de experiências e práticas que, embora muitas vezes pareçam constranger os que não se enquadram coerentemente em tais categorias, possibilitam ou mesmo preveem trânsitos, negociações e articulações entre elas. Nesse sentido, as experiências e práticas corporais que pude observar entre minhas/meus interlocutoras/es, bem como a aparente – e flutuante – orientação dos desejos não pareciam determinar identidades fixas ou comportamentos estáveis ao longo do tempo. Ao mesmo tempo em que pareciam pautar-se nas categorias que preconizavam, bagunçavam seus sentidos, contradiziam-se, reformulavam de acordo com suas intenções naquele momento, com a autoimagem que queriam transmitir de si mesmas, ou de acordo com as referências que usavam para se comparar.

Contrariamente à corrente binariedade de sexo/gênero, essas vidas mostram a potência da multiplicidade de corpos, de desejos, de práticas. O que se vê são matizes de possibilidades e (re)combinações, materializadas através de seus corpos – no que se veste, na performance que assume, na maneira como se colocam diante de relações –, contingencialmente negociadas. “Aqui você é o que você tem, o que você veste”, nesse contexto, para além dos sentidos sócio-econômicos provenientes, comunica que alguém é, torna-se inteligivelmente possível, a partir da maneira como produz estilos, performances, confere nomes e sentidos às suas vidas – vidas em processo, histórias em devir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIONDI, Karina. **Junto e Misturado**: Uma Etnografia do PCC. São Paulo: Terceiro Nome, 2010.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade; Trad. Renato Aguiar. – 8ª ed. – Rio de Janeiro: civilização Brasileira. 2015

BUTLER, Judith. **Undoing Gender**. New York: Routledge. 2004.

BUTLER, Judith. **Bodies that Matter: On the Discursive Limits of "Sex"**. Nova Iorque: Routledge. 1993.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble**. Nova Iorque: Routledge. 1990

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?** Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FACCHINI, Regina. **Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo**. (Tese de doutorado em Antropologia Social), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

HALBERSTAM, Judith. **Female masculinity**. Durham and London, Duke University Press, 1998.

LACOMBE, Andrea. De entendidas e sapatonas: socializações lésbicas e masculinidades em um bar do Rio de Janeiro. **Cadernos Pagu**. Vol 28. Campinas, São Paulo. 2007.

MARQUES, Adalton. **Crime, proceder, convívio-seguro: Um experimento antropológico a partir de relações entre ladrões**. (Dissertação de Mestrado em Antropologia). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2009.